

AMAZÔNIA, DESCASOS E DIFICULDADES: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO HISTÓRICO-ANTROPOLÓGICO DOS POVOS NATIVOS ANTES DA INVASÃO EUROPEIAⁱ

João Lucas Proença da Silvaⁱⁱ

Mara Genecy Centeno Nogueiraⁱⁱⁱ

Resumo: O presente artigo constituiu-se com o fundamento de demonstrar e analisar as dificuldades em relação ao estudo sobre a Amazônia Pré-colonial, em que pesquisadores ainda hoje se deparam com análises que colocam em segundo plano as sociedades que aqui viviam antes da chegada dos europeus, além de retratarem a Amazônia como uma região letárgica e desprovida de elementos significativos vinculados ao modo de viver, de fazer das populações nativas. Temos também a preocupação em relatar mudanças no tipo de história escrita sobre a região Amazônica e os povos que ali viviam, evidenciando a influência dos Annales na prática historiográfica e suas contribuições no que tange o objeto, conceitos, técnicas e a interdisciplinaridade, que trouxe para o campo da história novas abordagens, novos caminhos. Analisaremos rapidamente os ideais já em meados do século XX, de um ex-governador e também historiador que se ocupa em mostrar ao povo brasileiro a cobiça e os olhares cheios de ganância das nações europeias e dos EUA, que ainda, mesmo depois dos movimentos independentes de suas colônias (independência política), não abandonaram as suas reais intensões sobre as riquezas que a região possui. Em suma, visa propor o resgate e a valorização da Região Amazônica e dos seus sujeitos sociais na pesquisa atual é o propósito principal com esse trabalho.

Palavras-chave: Amazônia pré-colonial. Populações nativas amazônicas. Historiografia Amazônica.

120

Introdução

“Amazônia, a ilusão de um paraíso” é o título da obra de MEGGERS (1987), que retrata muito bem a atual situação da região Amazônica, quando se trata de uma ilusão que ainda se faz presente no imaginário de tantas pessoas que olham para ela como apanágio para os problemas ambientais contemporâneos. Essa “ilusão”, que outrora fora alimentada por todo um imaginário carregado de ideologia religiosa (cristã, para sermos mais específico), não consegue enxergar, os verdadeiros afetados nestes processos de invasão – os nativos que aqui viviam, que, continuam sendo colocados à margem nas pesquisas acadêmicas, que visam e carregam, como dito anteriormente, uma visão europeia. As ciências que se ocupam em estudar e compreender o homem, seja de forma individual, seja social,

enfrentaram e ainda enfrentam notáveis dificuldades em abordar tais estudos, pois há ainda divergências profundas entre tais ciências quando se trata de conceitos como: aculturação, sociedades simples e complexas, cultura, e outros que não serão objetos de discussão neste trabalho, mas apenas citados, e que poderão através da bibliografia usada estarem sendo objeto de investigação de estudiosos interessados. Trataremos de abordar também a influência e importância que a “Escola dos Annales” trouxe como forma de enriquecimento nas abordagens, conceitos e técnicas nos estudos sobre essas populações. O material utilizado estará à disposição na bibliografia deste trabalho, limitado a leituras das obras, reflexões das mesmas e discussões levantadas neste artigo, que achamos pertinentes para ajudar a fomentar pesquisas voltadas para uma história da Amazônia e de seus habitantes antes da invasão europeia.

1. Ontem e hoje: retrocessos e avanços nas pesquisas a respeito da região Amazônica.

Quando se investiga as pesquisas desenvolvidas sobre a história pré-colombiana e colombiana da região amazônicaiv percebe-se que há um descaso, ou mesmo um vazio de informações no que tange aos trabalhos ligados a temas amazônicos, que vem sendo superado, ou melhor, sanados, por descobertas significativas e incentivadas por parte do mundo acadêmico em nossos dias, que percebeu a riqueza da região, sua importância e valor, o que ela representa para a humanidade como um todo e a escassez documental, devido a perda de grande parte das crônicas e relatos dos primeiros viajantes, sendo eles exploradores e missionários, que se lançaram a desbravar, por rios e corredeiras, a maior bacia hidrográfica de água doce do mundo.

Ao chegarem à região, conhecida hoje como região Amazônica, os primeiros viajantes trouxeram valores culturais responsáveis pela dizimação dos milhares habitantes dessas regiões, que aqui viviam. Esses habitantes sofreram na pele a negligência e crueldade - antes pelas nações europeias em expansão, hoje por todas elas e ainda as nações que a abrangem territorialmente, sendo no seu total novev - alimentadas pelo sistema (que antes estava em seu estado de embrião e hoje no seu ápice) Capitalista.

Atualmente, pode-se dizer que, mesmo com todos os avanços tecnológicos que ajudam a classificar e catalogar as variedades de plantas e animais novos, ainda sim, essa exuberante região consegue surpreender-nos com tamanha heterogeneidade em espécies, tanto correspondente à fauna quanto a flora, sendo esta mais significativa em diversidade e quantidade. Levando-se em conta suas particularidades e peculiaridades, os verdadeiros processos de colonização, feito por esses nativos, foram diferentes em suas formas de adaptação dos demais povos que ocuparam o continente americano.

Podemos, grosso modo, classificar basicamente em dois grupos principaisvi, sendo eles, os de várzea e os conhecidos como terra firme. Foram esses grupos que os primeiros invasores encontraram na Amazônia, sendo os de várzea os primeiros a serem percebidos e relatados em seus contatos. Deve-se ter em mente, antes de tudo, os possíveis motivos que levaram a rarefação dos relatos dos viajantes estrangeiros que chegaram à região dificultando uma maior compreensão do *modus vivendi* desses povos e seus modos de se relacionarem, assim, ao contrário das populações litorâneas:

[...], amplamente descritas por Anchieta, Léry, Staden e tantos outros, os antigos habitantes da várzea amazônica foram dizimados e destruídos antes que cronistas igualmente atentos os pudessem descrever. Somando a essa pobreza documental, a sua situação periférica em relação aos centros de vida econômica, política e cultural da colônia e ainda o fato de até o final do século XVII o alto Amazonas ter sido área de influência espanhola, lhe deram muito tempo o caráter de fronteira. (PORRO: 1996, p.7)

É importante ressaltar que, segundo PORRO, há então uma diferença (no que tange o conhecimento detalhado) entre as tribos litorâneas e das tribos residentes na Amazônia durante o processo de invasão, pois, como o próprio autor afirma, a referida região estava fora ou mesmo longe do centro das atenções econômicas, política e cultural da colônia, fazendo com que hoje fosse mais trabalhoso encontrar fontes primárias para se ter uma melhor compreensão desta região e de seus habitantes.

Tem-se no cenário inicial de invasão europeia, o avanço devastador das doenças trazidas pelos viajantes, dizimando maciçamente as populações nativas amazônicas, fazendo com que o entendimento histórico-antropológico necessite de “auxiliares” nesta densa tarefa de investigação, como a Arqueologia, que tanto devemos quando tratamos deste tipo de pesquisa.

Devemos constatar que existem ainda outros fatores, que de certa forma, dificultou e dificulta abordagens mais esclarecedoras, profundas e significativas, quando se almeja conhecer essas populações antes da invasão européia. Problemas como, o de que, grande parte dos documentos que relatam a vida dessas populações serem sobre tudo documentos europeus^{vii}, e em sua maioria, pertencentes a museus desses países, o que dificulta o acesso aos pesquisadores latino-americanos interessados terem contato aos mesmos. Além de serem poucos, de estarem longe, podemos afirmar ainda que, grande parte desses documentos se perdeu em naufrágos ou mesmo vítimas de roubo. E, por último, e que a nosso ver o mais problemático, é a falta de interesse ainda por estudantes, professores, instituições e profissionais que se dedicam a pesquisas acadêmicas, refletidas nos temas científicos que a cada ano são produzidos no Brasil, que, em sua maioria estão mais voltados a problemas recentes como o “efeito-estufa”, “aquecimento global”, “internacionalização da Amazônia”, “desmatamento” e etc.

2. Época de contato: cenário de destruição dos povos nativos da região amazônica.

123

A historiografia forneceu por muito tempo explicações sobre os fatores e motivos que levaram a quase total dizimação dos povos nativos da Amazônia, da chamada fase pré-colonial, sem problematizar tais informações, que, na maioria das vezes procuravam engrandecer e enobrecer os viajantes, aventureiros e missionários que vinham por conta própria para a região Amazônica em busca de metais preciosos, Drogas-do-Sertão e a catequização seguida de “conversão” dos hereges (que precisavam de seu deus para se tornarem “humanos-completos” e conquistarem uma propriedade no céu) ou a mando de suas metrópoles. Contudo, as abordagens historiográficas trouxeram inúmeros problemas de compreensão sobre a cultura das populações nativas ocupantes da região amazônica^{viii}, tanto de várzea como de terra firme, tendo em vista que foram produzidas por viajantes europeus que se detiveram a retratar os nativos sem levar em consideração as suas singularidades culturais. O olhar estrangeiro dado à região amazônica (como dito anteriormente) foi e continua sendo em grande proporção marcado por esteriótipos e por análises que não retratam de forma significativa a importância da região e as especificidades de seus tipos para a composição do cenário brasileiro e mundial.

Os europeus durante o processo de invasão na Amazônia ficaram espantados e maravilhados com a quantidade de aldeamentos encontrados nas encostas do rio Amazonas - nessa época conhecido como Marañón -, e seus afluentes, porém tais impressões não foram suficientes para que eles mudassem o processo de classificação dos nativos e que se detivessem a explorar a região no sentido de conhecê-la de detalhá-la melhor o que teria sido de grande valia para as pesquisas futuras. Na verdade, Não podemos tentar entender a Amazônia e ter:

Uma visão das sociedades indígenas da Amazônia à época do estabelecimento europeu [...] num determinado momento histórico, nem numa geração e nem sequer em um século. A Amazônia tornou-se conhecida dos conquistadores muito lentamente, pois processo de exploração e de incorporação do imenso território à sociedade colonial, e depois nacional, demandou mais de quatro séculos, e na verdade ainda não terminou. Se já em 1542 Frei Gaspar de Carvajal deixou a primeira descrição do grande rio e das tribos que viviam às suas margens, os principais afluentes só iriam ser inteiramente explorados no século XVIII, e alguns deles, como o Juruá e o Purus, na segunda metade do século XIX. E seria preciso chegar ao século XX para que a implantação das linhas telegráficas, a aviação e o ciclo rodoviário incorporassem grande parte da Amazônia ao mundo conhecido pela sociedade nacional. (PORRO: 1996, p.9)

É importante frisar que tais populações nativas não foram dizimadas em grande parte, devido a guerras, conflitos entre os europeus, mas sim, em grande parte, por doenças trazidas pelos invasores, que acabavam por facilitar o desbravamento floresta à dentro sem muitas dificuldades. Os povos nativos tinham um sistema de adaptação praticamente estável, e a inserção de uma outra cultura, nesse caso a europeia, com suas formas de interação social, econômica e política diferenciada e imposta aos nativos acabou por desestabilizar toda uma rede complexa de adaptação que facilitou o processo de extermínio de muitas sociedades dessas paragens amazônicas.

3. A “Escola dos Annales” e suas contribuições para formação de olhares diferenciados sobre a História da Amazônia

As obras já publicadas, que tentaram explicar e exemplificar o contato inicial entre europeus e nativos amazônicos, as transformações culturais ocorridas durante o processo de colonização, o período do “pacto colonial” e a Amazônia hoje, são pouquíssimas e algumas recheadas de estereótipos sobre a Amazônia e seus tipos

humanos, estereótipos esses herdados de uma historiografia elitista, nacionalista européia e evolucionista que sempre esteve voltada para a “civilização” europeia, o “centro do mundo”. Tais estudos carregam conceitos que para a época em que foram concebidos se justificavam, porém, aos pesquisadores dos dias atuais tais repetições são inconcebíveis, mas mesmo assim, vê-se ainda a pertinência e permanência de tais usos. Esses conceitos são resumidamente os de alteridade, sociedades complexas e simples, ciclos, aculturação e etnicidade que tanto causara embates entre as ciências humanas em geral, e que em sua maioria não entraram um em consenso – se é que seja possível haver.

Não é o propósito deste trabalho definir cada um deles, mas, ressaltar que eles só foram questionados maciçamente a partir da influência da “Escola dos Annales”^{ix} e de toda base interdisciplinar ditada pelos teóricos da referida “Escola”, ou, como preferimos, “tendências”^x dos Annales, pois, como se sabe (e é mais aceito entre os historiadores), o termo “Escola” conota uma forma única de se conhecer e abordar as realizações humanas, o que não faz muito sentido quando se sabe que, mesmo reunidos em um propósito os historiadores que aderiram essa tendência (fala-se também de “tendências”), não pensavam da mesma forma, pois, não possuíam “um modelo de pensamento fechado em si mesmo” (BRAUDEL, 1972, apud REIS, 2011, p.76) (seria até ingenuidade nossa pensar dessa forma), assim, suas obras possuíam formas diversas de se compreender “os homens no tempo” (BLOCH, 1995). Através da interdisciplinaridade, a adoção do ponto de vista das ciências sociais (suas duas maiores contribuições para a prática historiográfica) (Reis, 2011 p.102), e a microanálise (sem deixar de lado as estruturas econômico-sociais), passaram a retratar a trajetória da humanidade levando-se em consideração as suas singularidades, a importância de ciências como a Antropologia, Arqueologia, Economia, Sociologia, por fornecerem informações renegadas pela história tradicionalista do século XIX, que se preocupava muito mais em um caráter cientificista e a supervalorização do documento e em legitimar as Nações que se formaram e que precisavam de algo (uma história, um passado) que às sustentasse como Nação.

Acreditamos que, das alianças feitas pela História - quando influenciada pelo movimento dos Annales -, a mais significativa e ao mesmo tempo acreditamos ser a mais discutida/problematizada seja a Antropologia, que, através de intensos diálogos

realizados em menos de um século permitiram uma melhor e mais ampla compreensão sobre povos etnicamente e culturalmente distintos (ALMEIDA, 2012).

Até meados do século passado, os estudos feitos sobre os africanos e povos indígenas que viveram nos períodos da América colonial e pós-colonial permaneciam ainda com um, certo descaso com relação à construção histórico-antropológica dos povos que viviam nas colônias, era abordado e visto pela “historiografia basicamente como mão de obra”, ou ainda, “como vítimas de sistemas opressivos que anulavam suas possibilidades de ação”, o que já se tornou muito discutido e insustentável em nossos dias. Sendo assim, esses diálogos fizeram com que a perspectiva histórico-antropológica fundamentasse:

[...] inúmeras pesquisas empíricas em diferentes tempos e espaços na América, nas quais índios, africanos e seus descendentes são enfocados como sujeitos ativos nos processos históricos nos quais se inserem. Essas novas análises permitem revisões não apenas das histórias desses povos, mas também das histórias regionais e nacionais. (ALMEIDA: 2012, p. 151)

Quando essas duas disciplinas se constituíram como tal (século XIX), possuíam um distanciamento profundo, sendo que “seus métodos, suas teorias, suas fontes e seus temas pareciam” claramente distintos “em campos específicos de investigação”. A inter-relação entre os historiadores e antropólogos tornara-se possível “a partir de mudanças teórico-metodológicas no âmbito das duas disciplinas,” no momento,

[...] como afirma Ginzburg (1981, p.277-278), quando os antropólogos passaram a interessar-se pelos processos de mudança social, percebendo que seus objetos de estudo não eram imutáveis e estáticos, e os historiadores passaram a valorizar comportamentos, crenças e cotidianos dos homens comuns, tradicionalmente considerados irrelevantes. As mudanças, no entanto, foram gradativas e deram margem a muitas discussões e controvérsias. (Apud. ALMEIDA: 2012, p. 152)

As mudanças viriam a partir de 1950, depois, de forma mais significativa 1960-70, percebendo-se então que, entende-se o/os motivo(s) que levaram à maioria das pesquisas, estudos e afirmações feitas às populações nativas residentes na Amazônia antes e durante à época do contato serem carregadas ainda de objetivos, teorias, conceitos métodos e consciência fortemente influenciada pelo historicismo do século XIX, tendo que já no século XX, influenciados pelos Annales comecem a questionar tais formas de se conhecer e abordar o outrem. Peter

Burke evidenciará ainda que, somente a partir dos anos 1970-80 é que a antropologia e a história teriam uma aproximação mais intensa, valorizando “temas, fontes e métodos comuns de investigação [...] (BURKE, 2000, apud ALMEIDA, 2012, p. 153)”.

Em decorrência dessas transformações radicais que as duas disciplinas sofreram em menos de cem anos, hoje, tem-se (apesar de ainda haverem dificuldades de conciliação) avanços significativos, onde tem-se - dentro do país especificamente – tido debates, congressos, pesquisas, disciplinas, eventos em geral que buscam discutir e saber “ouvir” o que as outras ciências possuem de ferramentas que poderiam auxiliar o historiador nas pesquisas de campo, ou mesmo de “gabinete” a terem variadas formas de abordarem seu objeto de pesquisa, e neste caso, com relação a vida das populações nativas da Amazônia desconstruírem paradigmas que outrora os renegaram uma história, mas que hoje, sabemos que a humanidade não poder servir-se de objeto da história ou de qualquer disciplina sem se levar em conta as particularidades e diferenciações entre os povos e suas respectivas culturas.

4. “Amazônia e a Cobiça Internacional”^{xi}

127

Em sua obra “Amazônia e a Cobiça Internacional”, Arthur Cézar Ferreira Reis (1982) tenta alertar, principalmente o Estado brasileiro e sua população, para as fortes tentativas desencadeadas por diversos países (países europeus e os EUA, principalmente) com o propósito de dominar a Amazônia e com isso promover a abertura de mercados, pesquisas e exploração em proveito próprio.

O referido autor já chamava atenção, em meados do século XX, do Estado brasileiro para a implantação de mecanismos de proteção para a Amazônia. Pois, apesar dos países que compõem territorialmente a região amazônica, principalmente o Brasil que possui a maior parte em extensão, terem “conquistado” sua independência política em relação as suas metrópoles no período dos movimentos de independência das nações que iam surgindo após a dupla revolução (HOBSEBORN, 1977), o avanço do Capitalismo, as instabilidades políticas e administrativas nas colônias, os ideais liberais e nacionalistas burgueses, mesmo independentes politicamente ainda são dependentes economicamente.

Na obra o autor discorre de forma interessante dizendo que:

Nos primeiros tempos, ingleses e holandeses, disputando a terra e a água aos portugueses que chegavam do Nordeste, procuraram fazer a exploração mercantil das espécies vegetais e animais que puderam identificar e tornar, nos mercados da Europa, interessantes e cobiçados. Postos fora os concorrentes audaciosos, os portugueses lançaram-se à façanha de penetrá-la em direção norte, oeste e sul. E penetrando-a, com ímpeto de decisão, devassaram-na em todos os sentidos, identificando mil variedades de sua flora e de sua fauna. (REIS: 1982, p.18)

E ainda ele vai apontar, e de certa forma afirmar, que essa cobiça e interesse dos mercados externos, ainda permanecem, e que tentam de todas as formas, sejam elas legais ou não, interferir, na administração da região, alegando a incompetência e incapacidade desses países de “cuidarem” e administrarem dela de forma eficaz e de não darem a ela a atenção devida.

Sabemos que hoje, em pleno século XXI, os olhares estereotipados, gananciosos, carregados de ideologia política e religiosa permanecem, trazendo consigo pressões e interversões no manejo e programas de preservação dessa região e principalmente da valorização e respeito para com os moradores daquela região, e dentre eles os mais afetados, a saber, os nativos, (atualmente quase que esquecidos), e que um dia foram a maioria.

A Amazônia foi e ainda é, assim como evidencia Arthur Cézar Ferreira Reis, uma “reserva”, um escape, ou mesmo (diríamos) investimento para o futuro. Mas é aí, nesse futuro incerto e tão caro a humanidade que se encontra o grande perigo (REIS, 1982).

Considerações Finais

Com este artigo, tentamos somar com todos os pesquisadores, professores, escritores e estudantes que se preocuparam ou mesmo tentaram compreender essa parte do país, da América, do mundo. Evidenciamos sua importância, riqueza, diversidade, mas também seu descaso, negligência por parte de muitos pesquisadores, do Estado brasileiro e os olhares externos que nunca esqueceram as histórias que contaram outrora, de um lugar paradisíaco, cheio de ouro, prata e pedras preciosas (El Dorado), suas matas virgens, seus animais de caracteres singulares, de seres “estranhos” incapazes de pensar, ou mesmo de cuidar de si mesmos.

Por outro lado não estavam equivocados, ou mesmo mentiram quando trataram de sua riqueza, pois, quanto ao seu valor hoje, (que tanto é entendido pelas nações europeias junto aos EUA), é incalculável, em uma época em que o dinheiro fala mais alto, onde o capital está acumulado nas mãos das grandes empresas, de poucas pessoas, onde o “desenvolvimento” e o “progresso” têm que ser levados e defendidos a todo custo (inclusive acima da vida humana). Mas, infelizmente é dada pouca importância pelos Estados que a compõem, pelas pessoas (que são a maioria) que dela tiram seu sustento, dela contam suas histórias, buscam seus antepassados, seus costumes, sua identidade, ou às vezes nem buscam (pois a história que nos fora contada é a história de quem venceu; e quem por muito tempo venceu não foram as populações que ali viviam, os primeiros e legítimos colonizadores, nem mesmo nós, fruto e resultado dessa guerra infundável e cobiça insaciável, que é a de possuir tudo para alguns, damos a atenção que ela tanto merece.

Falamos da influência dos Annales na historiografia, que trouxe para as abordagens acadêmicas atuais uma maior possibilidade de compreensão quando esta deu a História a possibilidade de se utilizar de ferramentas e técnicas de outras disciplinas (Interdisciplinaridade), como as ciências sociais, a arqueologia, a antropologia e etc. Suas dificuldades de conceituação, ao se tratar das populações que ali viviam, e que foram dizimadas pelas doenças trazidas pelos europeus e pela desestabilização sofrida ao entrarem em contato duas culturas praticamente opostas, (a europeia e a nativa) – sabendo-se que dentro dessas culturas, haviam suas diferentes formas de manifestação e adaptação, não sendo elas, como muito tempo se pensou, homogêneas.

E finalizamos trazendo como último capítulo, na presente conclusão, as reflexões, resumidas, do ex-governador e historiador Arthur César Ferreiras Reis. Militante, e defensor de sua época que se preocupava demasiadamente em nos fornecer um senso crítico a respeito das relações internacionais e dos interesses referentes à Amazônia. Procurou também despertar a atenção, em particular da nação brasileira, para os olhares externos e insaciáveis dos países que sempre quiseram dizer o que é bom para suas ex-colônias (políticas) e do que elas realmente precisam – para eles (nações europeias e os EUA, de sua proteção e opinião no que devemos fazer para não acontecer com a Amazônia o que aconteceu com suas florestas, que hoje não passam de paisagens verticais, de cor cinza, ou

mesmo em quadros artísticos, que mais servem como meio nostálgico de tentarem reviver o que eles perderam a muito tempo, e que não voltará mais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marina Regina Celestino de. História e antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFANS, Ronaldo (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.
- BRUNO, Ernani Silva. **História do Brasil – Geral e Regional (Amazônia)**. Vol. 1. São Paulo. Editora Cultrix, 1967.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.
- _____. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- HOBSBAWM, Eric. **A era das Revoluções, 1789-1848**. São Paulo: Cia da Letras, 2010.
- MEGGERS, Beth J. **Amazônia a ilusão de um paraíso**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987.
- PORRO, Antônio. **O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. São Paulo: Edusp; Petrópolis: Vozes, 1996.
- REIS, Arthur César Ferreira. **Amazônia e a cobiça internacional**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- _____. **Limites e demarcações na Amazônia brasileira: a fronteira com as colônias espanholas**. 2. Ed, vol. 2 Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1993
- REIS, José Carlos. **A História, entre a Filosofia e a Ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.

NOTAS

ⁱ Texto apresentado na I Semana de História do Campus Rolim de Moura da Universidade Federal de Rondônia.

ⁱⁱ Graduando do 4º período do Curso de História da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Pesquisador do Centro de Documentação e Estudos Avançados sobre Memória e Patrimônio de Rondônia - CDEAMPRO.

E-mail: joao_proenca21@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Professora orientadora do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia - UNIR e pesquisadora do Centro de Documentação e Estudos Avançados sobre Memória e Patrimônio de Rondônia – CDEAMPRO.

^{iv} Estudos que estão, à grosso modo, enquadradas entre os séculos XVI e XVII.

^v São elas: Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa.

^{vi} Sabendo que tal divisão não retrata de forma definitiva a variedade cultural dentro dessa região. Devido hoje, graças a pesquisas mais aprofundadas, de evidências que mostram vários grupos residentes nesta região, e dentro destes outros subdivididos, nos fazendo entender que não se pode aceitar explicações simplistas e estereotipadas a cerca da organização desse nativos.

^{vii} Ou seja, possuem explicações, afirmações, conceitos e preconceitos do outro, do europeu, do cristão que julgam práticas, rituais, roupas, alimentos, aspectos físicos e comportamentais, “demoniza” o(s) deus(es) nativo(s) que tenta conduzi-los à “salvação”.

^{viii} Ressaltando que, não só da região Amazônica, mas também de todo o Novo Mundo.

^{ix} Movimento inaugurado através da publicação de uma revista de história na França em 1929, que tem por título “*Annales d'Histoire Économique et Sociale*”. Seus fundadores foram Marc Bloch e Lucien Febvre. Essa corrente historiográfica iria influenciar o pensamento e a prática historiográfica, sendo até mesmo denominada essa mudança por Peter Burke como uma “revolução francesa da historiográfica”.

^x Ou ainda, “paradigmas”.

^{xi} Título aqui emprestado da obra “Amazônia e a cobiça Internacional” do ex-governador do Estado do Amazonas, também historiador e sociólogo, Arthur César Ferreira Reis.